

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo

Juliano Del Gobo
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Juliano Del Gobo
(Organizador)

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo [recurso eletrônico] /
Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto
Contemporâneo; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-016-2

DOI 10.22533/at.ed.162181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MULHER E TRABALHO: UM ESTUDO PRELIMINAR DO JÁ-DITO ESTEREOTIPADO	
<i>Rosângela Rocio Jarros Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819121	
CAPÍTULO 2	15
PSICOLOGIA, PODER E SEXUALIDADE: A FIGURA CONTEMPORÂNEA DO INTERSEX E AS NOVAS PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO	
<i>Jônatas Mota Leitão</i>	
<i>Luiza Maria Silva de Freitas</i>	
<i>Paulo Germano Barrozo de Albuquerque</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819122	
CAPÍTULO 3	30
POVOS ORIGINÁRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL: A QUESTÃO DA TERRA	
<i>André Valécio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819123	
CAPÍTULO 4	42
IDENTIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE: NOVAS SÍNTESES DIALÉTICAS	
<i>João Pedro Vilar Nowak de Lima</i>	
<i>Jeferson Renato Montreozol</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819124	
CAPÍTULO 5	54
O SABER PSICOLÓGICO E A ADOLESCÊNCIA: A NECESSIDADE EM CONSIDERAR INTERSECCIONALIDADES	
<i>Isadora Oliveira Rocha</i>	
<i>Gláucia Ribeiro Starling Diniz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819125	
CAPÍTULO 6	68
DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO À INSPIRAÇÃO DE UMA PRÁTICA GRUPAL: CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN	
<i>Barbara Maria Turci</i>	
<i>Eliane Regina Pereira</i>	
<i>Emerson Fernando Rasera</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819126	
CAPÍTULO 7	80
ENTRE TELAS E CENAS DA RUA: A MEDIAÇÃO AUDIOVISUAL NO ENCONTRO COM VIDAS OUTRAS NAS CIDADES	
<i>Allan Henrique Gomes</i>	
<i>Orlando Afonso Camutue Gunlanda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819127	
CAPÍTULO 8	95
O QUE PODE O CORPO EM CENA NA CIDADE?	
<i>Antônio Vladimir Félix-Silva</i>	
<i>Cássio Marques Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819128	

CAPÍTULO 9 109

ENTRE O PROTAGONISMO JUVENIL E A TUTELA DA JUVENTUDE: POSSIBILIDADES DA PARTICIPAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA

Lara Brum de Calais

Juliana Perucchi

DOI 10.22533/at.ed.1621819129

CAPÍTULO 10 125

MEMÓRIA E MILITÂNCIA FEMINISTA NO ENFRENTAMENTO DA HUMILHAÇÃO SOCIAL

Mariana Luciano Afonso

DOI 10.22533/at.ed.16218191210

CAPÍTULO 11 130

ENFRENTAMENTOS, RESISTÊNCIAS E SOBREVIVÊNCIAS NOS RAPS DO GRUPO REALIDADE NEGRA DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

Renata Câmara Spinelli

DOI 10.22533/at.ed.16218191211

CAPÍTULO 12 147

RODAS DE CONVERSA DIALÓGICAS: O ESPAÇO DA LIBERDADE PARA DIZER A PALAVRA

Erlândia Silva Pereira

Maristela de Souza Pereira

Rogério de Melo Costa Pinto

Helena Borges Martins da Silva Paro

DOI 10.22533/at.ed.16218191212

CAPÍTULO 13 162

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DE CRIANÇAS

Erik Cunha de Oliveira

Saulo Santos Menezes de Almeida

Juliana Souza Vaz Ribeiro

Alexsandro de São Pedro Santiago

DOI 10.22533/at.ed.16218191213

CAPÍTULO 14 171

DA PATOLOGIZAÇÃO AO DIREITO À SAÚDE DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM DOCUMENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Roberta Cristina Gobbi Baccarim

Grazielle Tagliamento

DOI 10.22533/at.ed.16218191214

CAPÍTULO 15 186

CAPTURA E REGULAÇÃO: INVESTIMENTOS BIOPOLÍTICOS NA SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS

Júlia Arruda da Fonseca Palmiere

Anita Guazzelli Bernardes

DOI 10.22533/at.ed.16218191215

CAPÍTULO 16 196

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA HOMOPARENTAL E A SUA PRESENÇA NA LITERATURA INFANTIL

Hudson Henrique de Oliveira Masferrer

Emerson Fernando Rasera

DOI 10.22533/at.ed.16218191216

SOBRE O ORGANIZADOR 210

IDENTIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE: NOVAS SÍNTESES DIALÉTICAS

João Pedro Vilar Nowak de Lima

Acadêmico do Curso de Psicologia da Faculdade Unigran Capital, voluntario de Iniciação Científica CNPq – PIBIC 2016/17. E-mail: pedro_nowak@hotmail.com

Jeferson Renato Montreozol

Psicólogo (UFMS), Mestre em Educação (UFMS) e Doutorando em Psicologia Clínica (PUC-SP)

Docente na Faculdade Unigran Capital (Campo Grande-MS). E-mail: psicojeferson@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho objetiva discorrer sobre a identidade sexual masculina na contemporaneidade e seus movimentos dialéticos. Para tanto, usamos de maneira aplicada os conceitos de dialética, materialismo histórico e fetiche, propostos inicialmente por Karl Marx e trabalhados posteriormente por Ciampa no desenvolvimento de questões relativas à identidade, e também por Montreozol e Kahhale no entendimento da identidade sexual, afim de trazê-los para o campo da psicologia. Tais teorias são tomadas como ferramentas para compreender a (nova) masculinidade na contemporaneidade, surgida a partir do contato com os movimentos feministas das décadas de 1960 e 1980, dos quais inferem em uma nova demanda social do ser masculino, fazendo com que surjam novas maneiras de expressá-lo, novas sínteses subjetivas no processo social.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Sócio Histórica, Identidade, Masculinidade, Hegemonia e Dialética

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva discorrer sobre a identidade sexual masculina na contemporaneidade e seus movimentos dialéticos. Para tanto, utilizamos a abordagem sócio-histórica em psicologia, a qual carrega em seu pressuposto o materialismo histórico e tem como método a dialético, o que a torna crítica em sua própria base epistemológica. Dentro desta perspectiva, o indivíduo é produto e produtor de sua história, uma vez que o conhecimento produzido ao longo da história lhe fornece recursos que funcionam como mediadores de suas ações humanas.

Assim, discussões semióticas são feitas no decorrer deste artigo, uma vez que utilizamos o conceito de consciência em Vigotski (1896-1934) entendendo-a como um “(...) processo e produto, passível de análises semióticas concretas (...) não é sistema estático, mecanicista: relaciona-se ao desenvolvimento da conduta voluntária” (TOASSA, 2006, p. 72). Logo, entendemos o indivíduo inserido em um alicerce social que o constrói, e este ainda

detêm criticidade sobre sua base; a objetividade e subjetividade são consideradas em um dialeticismo.

Portanto, a linguagem e o discurso masculino, que estão imbricados na questão da identidade sexual, implicam em comportamentos e traços que configuram o indivíduo a nível psicológico, o que torna necessária a análise das bases que regem a cultura masculina, afim de compreender o sujeito em sua totalidade.

Logo, versarmos sobre as relações sociais que o personagem está inserido e discorreremos sobre sexo, gênero e sexualidade, pois estes funcionam como base para o funcionamento psíquico do sujeito. Entretanto, tais assuntos implicam em outra trama dialética que engloba a produção subjetiva: o masculino e o feminino. Dentro deste artigo, consideramos o feminino e o masculino de maneira correlacionada, uma vez que os instrumentos e mecanismo utilizados na constituição humana é inerente aos dois conceitos.

Nosso objeto de estudo é a masculinidade, portanto, focamo-nos em seu arranjo de dinâmicas apresentadas na objetividade enquanto constituintes da sexualidade humana, assim como dentro do próprio gênero masculino e nas formas que este será apropriado pelo sujeito. Trata-se de uma análise em que polos aparentemente opostos são apresentados e relacionados afim de obter-se uma síntese dialética, considerando assim o constante devir humano. Isto é, a masculinidade, enquanto representação subjetiva, resguarda também a esfera social objetiva enquanto polo dialético de contradição.

Apresenta-se, deste modo, a conjuntura de produção da masculinidade e discursos teóricos sobre os modos de ser masculino, o que nos remete que a:

Tomada consciência de uma operação significa transportá-la do plano de operação ao plano da linguagem, recriá-la na imaginação para que seja possível exprimi-la em palavras. Na tomada de consciência, o processo de atividade é destacado da atividade geral da consciência, tornando-se, ele mesmo, um objeto de consciência, ou seja, apreendem-se os próprios processos psíquicos por meio da generalização e sistematização dos conhecimentos já existentes (TOASSA, 2006, p. 74).

Logo, atentamo-nos ao processo de tomada de consciência contemporânea do sujeito masculino, observando perspectivas que podem se seguir a partir da relação dialética para com os movimentos feministas, assim como o (novo) posicionamento que lhe é colocado pela estrutura social. A partir deste dinamismo surgem novas formas de manifestar a masculinidade e, por vezes, apresentam-se contradições dentro dos papéis que devem ser desempenhados, o que infere em uma não coincidência do sujeito consigo mesmo. Entretanto, discorreremos também sobre (novos) ajustamentos saudáveis que surgem sucintamente nos discursos masculinos.

O presente artigo faz parte do projeto de iniciação científica e foi desenvolvido no curso de psicologia da Unigran Capital. O escrito não tem a finalidade de limitar ou patologizar a alteridade do ser masculino, pelo contrário: buscamos compreender que o constante devir humano funciona como fonte de análise e desenvolvimento de

processos psíquicos que são cunhados na estrutura social e dependem do contexto geográfico, histórico, político e também educacional. A produção deste artigo não tem a função de abarcar todo o assunto e findá-lo, sua incumbência tange em uma maneira de compreender um processo (novo) de identificação, de novas sínteses, dialéticas.

2 | SOBRE O SEXO E O GÊNERO COMO APORTE DA SEXUALIDADE

Segundo Meyer (2013), o termo gênero tem sua origem na segunda onda dos movimentos feministas ocorridos nas décadas de 1960 e 1970, em oposição à ditadura militar e junto ao processo de redemocratização dos anos de 1980. Esta mobilização fez levantamentos sobre a prática de discriminação baseada nos critérios sexuais e sua relação com a opressão das relações de trabalho e das práticas educacionais. Assim, em oposição aos estudos feministas, surgem teorias para justificar esses posicionamentos e a principal forma de tentar evidenciar isto é a partir da fisiologia: propunha-se que as diferenças anatômicas advindas do sexo, assim como seus determinismos biológicos diferentes, fundamentariam posições desiguais nos processos sociais.

Logo, a dinâmica de estudos antagônica aos movimentos feministas implicaria em um conhecimento focado para uma certa naturalização do ser humano, desconsiderando o constante devir histórico e cultural do qual o indivíduo está vinculado. Deste modo, cinde-se o sujeito da realidade e considera-se apenas como portador de determinadas potências, das quais são naturalmente desenvolvidas a partir da condição humana, isto é, um sujeito meramente ideal, do qual depende apenas de suas forças e vontades para o seu desenvolvimento (MONTREOZOL, 2017).

Dentro desta perspectiva biologistica, via de regra, o ser humano desenvolve o sexo a partir de etapas evolutivas, sendo, conforme expõe Canella (2006), em um primeiro momento uma espécie bissexual. Ademais,

Ser bissexual seria uma opção de comportamento. Mas a bissexualidade é inerente ao gênero humano, espécie de reprodução sexuada, e necessariamente constituído por indivíduos de dois sexos. A construção biológica destes seres, o feminino e o masculino, o macho e a fêmea, inicia-se por um embrião indiferenciado, bipotencial, porém determinado geneticamente para formar um ser anatômica e fisiologicamente de um ou outro sexo (CANELLA, 2006, p. 82).

O autor salienta, então, que as relações psicossociais se estruturam em um dos dois sexos, com o início em uma opção bissexual. Esta forma de estruturação ocorre com base na cultura da qual estabelece que os indivíduos devam se comportar e se apresentar de acordo com um dos sexos para, deste modo, associarem-se e suas atividades possam permitir a procriação.

A partir da análise de Canella (2006) temos que, a princípio, o sexo é elemento basal para o indivíduo e o meio social engendra características psíquicas, enquanto os hormônios acentuam a diferenciação corpórea na puberdade. Ou seja: a ação sexualizante ocorre em conjunto com o meio social, sendo assim uma ideia não anula

a outra.

Também a partir das produções de grandes teóricos das ciências sociais na área da sexualidade (BEAUVOIR, 2009; BUTLER, 2015; FOUCAULT, 2014), depreendemos que a sexualidade é uma produção humana da qual considera os aspectos materiais históricos, ou seja, o homem é ser ativo da produção do suprimento de determinadas necessidades dele próprio, aspecto este que também traz implicadas suas necessidades sexuais. (MONTREOZOL, 2017).

Neste prisma, a sexualidade passa a ser entendida como “(...) um processo simbólico e histórico, que expressa a constituição da identidade do sujeito, como ele vive a questão da intimidade (público *versus* privado); da significação das normas, da moral e da ética grupal (grupo no qual se insere)” (KAHHALE, 2002, p. 176). A autora ainda esclarece:

A constituição da sexualidade pelo indivíduo, no caso por um indivíduo específico, antecede seu próprio nascimento, por expressarem as condições sócio-históricas mais globais, bem como as específicas e as circunstâncias nas quais o casal, que gera uma criança, está inserido (KAHHALE, 2002, p. 176).

O sexo biológico, como já visto anteriormente, tem sua contribuição na ação sexualizante, o que nos permite compreender que seu determinismo funciona como base da dinâmica dos processos de identificação que o indivíduo, dotado do corpo sexuado, desempenha.

Sobre o sexo, Cannela (2006) orienta:

O sexo deve ser considerado sob vários prismas: o genético, que separa os indivíduos em XX ou XY; o gonádico, determinado pela existência de ovários ou testículos; o somático, que se define pelos genitais externos e internos e depois pelos caracteres sexuais secundários; o sexo legal, quando se recebe um nome feminino ou masculino; o sexo de criação (drive sex), pelo qual os meninos viram homens e as meninas viram mulheres e, finalmente, o sexo psico-social, através do qual a pessoa reconhece ter-se feito mulher ou homem CANELLA, (2006, p. 85).

Partindo desta perspectiva, as feministas demonstraram que não são as diferenças anatômicas que justificam o papel do ser feminino ou masculino na sociedade, e sim sua representação construída social e historicamente. Logo, para complementar o que até então chamava-se apenas de sexo, surge o conceito de gênero surge: comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a cultura inscreve sobre o corpo sexuado (MEYER, 2013).

Considerando os prismas dos quais o sexo é desenvolvido, um indivíduo é considerado masculino quando, dentro de determinados aspectos, atende às seguintes demandas: a) genética: quando a fusão do espermatozoide 22 + Y com um óvulo 22 + X resulta em um ovo 44+ XY, via de regra o que condiciona o testículo é o cromossomo Y; b) gonádico: ocorre com o desenvolvimento medular, precisamente quando as gônadas formam-se em testículos e os gonócitos em espermatogônias; e c) somático: acontece por meio do desenvolvimento dos ductos de Wolff e a regressão

das estruturas müllerianas, as evoluções ocorrem por meio da presença de testículos. Além disto, há também o desenvolvimento externo: quando a testosterona produzida pelo testículo se transforma em di-hidrotestosterona (DHT) (CANELLA, 2006).

Através deste alicerce, os grupos sociais criam as crianças para cumprir com o requerimento social: meninos têm de ter comportamentos de homens e meninas de mulheres. Este cerceamento dado pelos grupos ocorre desde o início da vida dos sujeitos, na produção de suas relações interpessoais e, posteriormente, intrapessoais, que findam no desenvolvimento do processo identitários na realidade objetiva: o mundo me identifica como macho/masculino e, conseqüentemente, eu me identifico como masculino.

3 | IDENTIDADE MASCULINA E SUA INSCRIÇÃO CULTURAL

Para compreender o ser humano e sua natureza psíquica, deve-se relacionar a afetividade, a linguagem e a cognição com as práticas sociais, uma vez que tudo aquilo que o constrói pertence à ordem social, ao mundo da cultura e ao universo simbólico historicamente construídos. Isso nos leva a compreender que a consciência é cunhada na vida social, uma vez que as formas culturais de organização da vida e dos sujeitos humanos fornecem aos indivíduos tanto os meios (conhecimentos, técnicas e instrumentos) quanto os motivos para as suas ações (SIQUEIRA, 1997).

Logo, perceber o homem na contemporaneidade implica em considerar sua inserção cultural, sob a qual precisa moldar-se, aderindo ou rejeitando, obedecendo ou resistindo às regras impostas pela cultura e definidas como normas, conformando características, comportamentos e papéis (FIGUEIREDO, 1998 *apud* SILVA, 2006).

Acerca da cultura, tem-se por referência que:

A cultura emerge como aquilo que torna o homem propriamente humano [...] vista como um sistema, como um conjunto de regras/redes de significação, é a cultura que dá sentido, simultaneamente, ao mundo social e natural. Comportamentos, instituições e valores de um grupo social só ganham significado no interior do sistema cultural como um todo (FRANCHETTO, CAVALCANTI E HEILBORN, 1980 p. 18).

Isto implica em compreender que nos diversos períodos da história encontram-se diversas teorias, ideias e concepções sobre o desenvolvimento de um processo identitário a partir da realidade. Esta gama de ideias advém das diversas condições de vida material da sociedade, uma vez que a sexualidade, assim como quaisquer outras características eminentemente humanas, é uma produção humana que considera os aspectos materiais (natureza social) (MARX, 2008 *apud* MONTREOZOL, 2017).

Dessa forma, abarcar os movimentos identitários acarreta em uma trama dialética da realidade social e sujeito individual, da qual a mediação semiótica exerce um papel fundamental: a linguagem e os fenômenos de natureza representacional, incluindo as

significações atribuídas pelo sujeito, funcionam como determinantes no processo de constituição do mundo interno a partir das interações do sujeito (SIQUEIRA, 1997).

Ciampa (1984) expõe que as identidades refletem a estrutura social ao mesmo tempo que regem sobre ela, o que nos possibilita pensar que a constituição da identidade ocorre por meio de um contínuo processo de identificação. Para o autor, é do contexto histórico e social que originam-se suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de formá-la. Portanto, a identidade não é estática e implica em um constante desenvolvimento uma vez que o homem é um ser histórico. Logo, não se deve assimilar o sujeito de maneira unidirecional, lançando mão de conceitos abstratos que o traduzem só como subjetividade ou reduzi-lo à condição de coisa, através da objetividade.

Neste ínterim, o caráter móvel e contingente da masculinidade surge ao analisar etnografias que prestem atenção ao diálogo e ao conflito, seja com o feminino ou através de masculinidades hegemônicas, subordinadas, cúmplices ou marginalizadas –conceitos que vão ser abordados com maior profundidade-, o resultado vem com a variabilidade individual das identidades masculinas, por exemplo, com as alterações do indivíduo em diferentes situações de interação (ALMEIDA, 1996).

Isto implica em considerar que para o processo de identificação ocorrer, presume-se um cerceamento da estrutura social que está permeado pelos papéis sócio sexuais e configurações de gênero, criadas e mantidas como diretrizes do que é ser homem ou mulher em determinada sociedade, ou seja, construções de identidades ideais baseadas principalmente em diferenças biológicas (KAHHALE, 2002 *apud* MONTREOZOL, 2017).

A identidade masculina não é uma evidência imediata na vida, pois o desenvolvimento deste identitário resguarda dependência de toda a construção da identidade pessoal e de suas relações com os papéis sociais que têm orientado a socialização sexual. Logo, a masculinidade humana é abarcada por fatores ideológicos e sociais que nos submetem a raiz biológica também ambígua, constatando que homem e mulher (enquanto gênero) constituem duas faces do ser humano (LEÃO, 2009; BARÓ, 2005 *apud* MONTREOZOL, 2017).

Almeida (1996) nos traz a noção de que masculinidade e feminilidade não são conceitos que dizem respeito a homens e mulheres respectivamente: são metáforas de poder, capacidades de ação e traços de personalidades que são acessíveis a homens e mulheres. Tal afirmação traz à tona a trama dialética em que o sujeito masculino está inserido, ora dispondo de características ditas pela norma social como femininas, ora tendo de manter-se como um ser desprovido de vaidade e sentimentos, disposto a se abster das emoções para manter o papel que a estrutura social lhe impõe. Neste sentido, é importante salientar que os sentimentos e as atitudes indicativas de masculinidade não são inatos aos representantes do sexo masculino, mas sim construções sociais dadas em uma determinada cultura.

Em relação à atual conjuntura do ser masculino, depreende-se que os movimentos

feministas do século passado propuseram reflexões acerca do posicionamento feminino e masculino na esfera política, familiar, empregatícia e educacional. O pensamento advindo do cenário trouxe novas compreensões a respeito do ser masculino e feminino, assim como a percepção de suas limitações sociais (MEYER, 2013). Discussões anteriores ao advento feminista não traziam à tona questões sobre a identidade masculina ou relações de gênero.

Para Connell (2005 *apud* FELIPE, 2006), estes movimentos foram de suma importância para a construção do conceito de masculinidade, uma vez que este não é definido como um objeto isolado, mas algo ampliado, que é estendido ao mundo e combinado na organização das relações sociais. Para o autor, o conceito de masculinidade só pode ser entendido quando colocado em dialética com o conceito de feminilidade, já que estes são inerentemente relacionais. Ademais, “masculinidade [...] é simultaneamente um lugar nas relações de gênero, a prática da qual homens e mulheres comprometem-se com este lugar no gênero e os efeitos destas práticas nas experiências corporificadas, na personalidade e na cultura” (CONNELL, 2005, p.71).

Connell (2005 *apud* FELIPE, 2006) apresenta uma moldura – mesmo que provisória - para analisar as masculinidades. O autor propõe quatro pontos a serem considerados na cultura ocidental: o conceito central é o da hegemonia, enquanto os demais são inerentes a este devir, sendo subordinação, cumplicidade e marginalização

O conceito de hegemonia refere-se à legitimidade da qual a estrutura social masculina acredita estar dotada e, através desta, determina-se um ideal cultural que atua, em determinados momentos, exaltando algumas formas de masculinidade em detrimento de outras, fazendo com que surja uma forma de poder institucional. Bourdieu (1999 *apud* Ericeira, 2008 n.13, pp. 0-0) acentua que historicamente os homens ficaram destinados aos espaços públicos e à dominação da sociedade.

Coube aos homens, situados do lado exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas do curso ordinário da vida. As mulheres pelo contrário, estando situadas do lado úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêm ser-lhe atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos ou até menos invisíveis e vergonhosos (BOURDIEU 1999, p.41).

Almeida (1996) aponta que por meio do modelo masculino cultural ideal, é exercido sobre homens e mulheres um poder controlador, que ocorre através de discursos representacionais. Ainda revela que masculinidade e feminilidade são discursados assimetricamente e, além do mais, dentro da própria masculinidade há discursos assimétricos e hierarquias (de mais ou menos masculino). Dentro dessas hierarquias surge o conceito de subordinação, que Connell (2005 *apud* FELIPE, 2006) aponta como a maior expressão na dominação heterossexual e a subordinação homossexual. O autor ressalta que para a ideologia patriarcal, a homossexualidade é o repositório de tudo que é simbolicamente excluído da masculinidade hegemônica, ou seja, aquilo

que é facilmente relacionado com a feminilidade.

A marginalização refere-se à ausência de autorização do grupo dominante para o desenvolvimento do projeto hegemônico, pode ser identificada entre masculinidades subordinadas.

A cumplicidade pode ser entendida a partir do vínculo masculino com o projeto hegemônico: o uso coercitivo da linguagem e outras manifestações de poder, ocorridas no grupo social, em prol do inatingível ideal cultural. Logo, a definição, aquisição e manutenção da masculinidade constitui um processo social frágil, vigiado, autovigiado e disputado (ALMEIDA, 1996).

4 | A HEGEMONIA DOS FETICHES IDENTITÁRIOS E A SÍNTESE DIALÉTICA: NOVAS MASCULINIDADES

A teoria esboçada por Connell (2005) é uma forma de entender dinâmicas subjetivas no seio de um processo social, e seu conceito central – masculinidade hegemônica- expressa um modelo de sujeito ideal, fantasioso e, de certa forma, esfacelado, no sentido de que pode ser construído a uma maneira não correspondente a nenhum homem real, ou seja, um sujeito fetichizado.

Ademais, a hegemonia implica em um processo de construção do indivíduo baseado no que Ciampa (2008 *apud* MONTREOZOL, 2017) chama de processo de mesmice, ou seja, quando a identidade é pressuposta como dada permanente e não como reposição de uma identidade que já foi posta. Portanto, a hegemonia implicaria em uma inércia do sujeito advinda de uma violência travestida nos discursos que são apoiados em hierarquias dentro do gênero masculino.

Vale ressaltar que na trama dialética, o sujeito é visto por meio da sua própria negação, uma vez que sua determinidade se articula com sua indeterminação na produção identitária:

(...) a identidade é pensada como resultado de uma contínua contradição superada, ou seja, se configura na dialética posição-reposição, que pode ser tanto positiva quanto negativa, uma vez que é resultante da articulação que o indivíduo faz com que fizeram/fazem dele em todos os momentos (...) se por um lado existe a necessidade de normatização de determinadas personagens, por outro corre-se o perigo de que essa personagem (que é percebida como identidade pressuposta) seja transformada em pura determinidade ou infinita reposição, dando a aparência de não metamorfose (LIMA; CIAMPA, 2012 *apud* MONTREOZOL, 2017).

Assim, pensamos que Connell (2005) expressa um modelo central de análise do qual deslegitima a alteridade do indivíduo, cerceando-o a partir da dinâmica objetiva, fazendo com que permaneça apenas em um polo da dialética. Logo, autores como Nolasco (1995, p. 12 *apud* BORDINHÃO, 2012, s/p.) apontam que “o desmoronamento do modelo machista – entendido como padrão hegemônico - é mais uma possibilidade do que uma perda”, já que este possibilita outras formas de expressar masculinidade.

Portanto, “a representação masculina associada a comportamentos de virilidade, posse, poder e atitudes agressivas se ‘relativiza’, abrindo frente a outras possibilidades de representação do homem” (NOLASCO, 1995, p. 19 *apud* BORDINHÃO, 2012, s/p.).

Neste prisma, compreendemos que as possibilidades ou impossibilidades dos modos e alternativas de masculinidade surgem do contexto histórico e social (MONTREOZOL, 2017). Ainda tem-se que padrões hegemônicos de masculinidade são contestados à medida que o grupo social demanda sujeitos contrários a este modelo.

Estes movimentos relativos à identidade sexual geram uma contradição, do qual a masculinidade contemporânea desfruta, de modo que o sujeito não se reconhece mais por meio dos modelos tradicionais, nem mesmo por representações reconhecidas pelo imaginário social, surgindo então “uma não coincidência do sujeito consigo mesmo e com as representações com as quais sua identidade foi construída” (ROSA, 2008, p. 438 *apud* BORDINHÃO, 2012, s/p.).

Cabe reiterar que na trama dialética vivenciada pelo sujeito, ora este resguarda atributos, traços e trejeitos ditos como masculinos pela estrutura social, ora relaciona-se com os elementos antitéticos contrários. Nessa perspectiva, Montreozol (2017) aponta que o indivíduo é produtor e produto das próprias interações sociais e que suas mudanças são vistas como condições de desenvolvimento individual-social, permitindo combinações de fatores e características numa identidade como totalidade. Para tanto, lança mão do materialismo histórico, que, na inter-relação dos determinantes, apresenta uma unidade portadora de contrários.

No que tange à masculinidade, tem-se que esta unidade - composta de contrários advindos dos tipos de masculinidade (hegemônicas, marginalizadas, e etc), assim como comportamentos ditos femininos - está em constante movimento e os sujeitos que a detém passam a representá-la através da prática cotidiana. Ciampa (2007 *apud* MONTREOZOL, 2017) indica que nesta práxis a realidade objetiva é incorporada à realidade psíquica, uma vez que através desta uma identidade pressuposta é reposta. Logo, ser masculino acarreta em uma rede emaranhada de representações, mas que conglomerada todas as determinações deste ser que está em constante metamorfose.

À frente do processo de organização e reorganização do masculino na contemporaneidade, é possível visualizar, mesmo que de forma inicial, uma mudança no padrão hegemônico e novos fetiches identitários enquanto ideais masculinos. Bordinhão (2012) traz uma análise destes ideais contemporâneos principalmente através de três perspectivas: 1) na estética, uma vez que um homem de boa aparência remete à virilidade e à saúde reprodutiva, o que finda em conceber que o bem vestir e a preocupação com a aparência – trazidos, num primeiro momento, como características femininas - passam a funcionar como auxílio à conquista; 2) na paternidade, quando o homem contemporâneo passa a interagir e se fazer mais presente no ambiente familiar, ajudando a educar seus filhos, não se prendendo ao papel apenas de provedor financeiro, o que nos leva à discussão do mundo do trabalho, 3) onde o homem perde

cada vez mais espaço e enfrenta relações de poder acirradas ante as mulheres, mesmo que o reconhecimento profissional tão almejado pelos homens os induzam à preocupação com o próprio cuidado, além do constante aprimoramento profissional, tornando-os mais competitivos no mercado de trabalho. Toda essa reformulação é ainda oriunda e desempenhada pela mídia, a qual traz novos fetiches identitários afim de que os sujeitos os consumam e embarquem neste (novo) dinamismo.

Esta possível superação do personagem fetichizado é o que Lima e Ciampa (2012 *apud* MONTREOZOL, 2017, p. 29) denominam de mesmidade, ou seja, um processo que carrega em seu âmago o materialismo histórico do qual engendra nos sujeitos a “expressão de um outro *outro* que também sou eu, possibilitando a formulação de projetos de identidade cujos conteúdos não estejam prévia e autoritariamente definidos”. Deste modo, o seguimento de mesmidade é produzido também na dinâmica social da qual carrega contradições do próprio sistema, possibilitando que o sujeito tenha acesso a conteúdos que permitam a aprendizagem de novos valores e normas, proporcionando novas formas de pensar e agir, considerando assim o constante devir humano também na produção da masculinidade (MONTREOZOL, 2017).

Neste ínterim, cabe reforçar que a identidade masculina não deve ser entendida apenas em apenas um polo, o que reificaria o sujeito, tornando-o um instrumento de opressão no devir humano. Deve-se entender o homem como uma unidade constituinte de vários polos, unidade da qual carrega em si as contradições da dinâmica social, ou seja: uma superação dialética da contradição que opõe um e outro – identidades -, fazendo devir um outro que é o um que contém ambos (CIAMPA, 2007 *apud* MONTREZOL, 2017).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discorrer sobre o identitário masculino acarreta em uma discussão para além do sujeito, da qual deve-se compreender a estrutura social e suas demandas. Em cada momento histórico emergiu um ideal de homem, determinando certo cariz de masculinidade. Nolasco (2001) nos traz isto ao analisar personagens como Ulisses, Dom Quixote de La Mancha e Robson Crusoe. Sendo: Ulisses, personagem mítico grego, movido pela paixão, abandona a cidade de Ítaca em direção à Tróia, travando batalhas, para resgatar seu grande amor; enquanto Dom Quixote, fruto da transição do teocentrismo para o antropocentrismo, traz a ideia de oposição, pois é um herói esquelético e manco, que conversa com moinhos como se fossem dragões; já Crusoe é um sujeito fruto do discurso científico que passa 28 anos em uma ilha tropical e, apesar das adversidades, sobrevive, por apropriar-se da natureza

Infere-se que Ulisses, herói medieval, traduzia a noção de um homem guerreiro e forte, disposto a lutar mundo afora por um grande amor, ao passo que, Dom Quixote olhava somente para si, em franca oposição ao mundo medieval, já Crusoe é um herói

do mundo moderno e simboliza a noção de que a natureza deve ser domada pelo homem.

Ao examinarmos os ideais masculinos citados, vislumbramo-nos com elementos dialéticos, sendo: Ulisses: tese; Dom quixote: antítese; e Rosbon Crusóé: síntese. Logo, certifica-se que estudar subjetividades masculinas implica em pensar em ideais objetivos, pois a estrutura social reflete o indivíduo, assim como ele o faz.

Através das teorias esboçadas até então sobre a masculinidade, procurou-se enxergar os elementos dialéticos da contemporaneidade, a fim de trazê-los para análise dos polos. Ponderamos dinâmicas dentro da masculinidade, assim como entre masculinidades e feminilidades.

Observou-se, através dos modelos hegemônicos e normativos, um homem cindido em um polo da dialética, pois estabeleceu-se, através do modelo hegemônico, uma dinâmica que pune e marginaliza os que fogem à norma estabelecida anteriormente, da qual prescreve indivíduos que devem se apresentar despidos de sentimentos e emoções, desprovidos de vaidade e dotados de uma honra ao conservadorismo, portanto, apresenta-se um sujeito coagido pelo modelo hegemônico masculino, o que lhe impede de prosseguir com o movimento de elaborar o ciclo vital composto de tese, síntese e antítese.

No que concerne à dinâmica da masculinidade com a feminilidade, tem-se um homem que “perde” espaço para a mulher, algo que ocorre desde os movimentos sufragistas. Atualmente, o feminismo tem ganhado maior notoriedade, dando abertura à superação da hegemonia e possibilitando novas vivências das quais emancipa o sujeito da condição de coagido.

O encontro entre os gêneros masculino e feminino é exemplificado no contexto da primeira e segunda guerras mundiais: o relacionamento entre homens, nesta época, era intolerável e, foi não só permitido, mas obrigatório, na guerrilha. Neste ínterim, os homens viviam completamente juntos, submetendo-se ao discurso mais amoroso da fraternidade, tendo de se permitirem a ter direito ao corpo de outro homem, assim como as mulheres o faziam naquela época, zelando uma pela outra. O sacrifício e a coragem de estar nas trincheiras, suportar as batalhas, implicavam em um tecido afetivo intenso (FADERMAN, 1981 *apud* FOUCAULT, 1981).

O domínio do homem na guerra só é possível quando o personagem se rebela com a estrutura que lhe é imposta, lançando mão da afetividade, amando uns aos outros, assim como mulheres se permitem. Enxergamos no dinamismo de relações entre os gêneros, uma forma de sobrevivência às implicações que o corpo social provoca no humano.

Surge então, mesmo que de maneira sucinta, um (novo) ideal masculino, disposto a sentir e se emocionar mais, seu papel não se restringe somente a prover e ao trabalho. Representa a paternidade, assimila-se com a estética e o diálogo. Advém dos movimentos dialéticos para com a objetividade, feminilidade e a própria masculinidade. Temos então um novo dinamismo, do qual emerge: o modelo hegemônico: síntese; os

movimentos feministas: antítese; e o homem contemporâneo: síntese.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. *In: Anuário Antropológico*. 95. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 161-190.

BORDINHÃO, Filipe. **Identidade de Gênero: Anotações Sobre a Masculinidade Contemporânea na Publicidade**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM. Cadernos de Comunicação. Vol. 16. 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CANELLA, Paulo. Sexo, Sexualidade e Gênero. *In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS EM SEXUALIDADE HUMANA. Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. Vol. 17. Campinas/SP: Faculdade de Educação/UNICAMP, 2006.

CIAMPA, Antonio. Identidade. *In: LANE, Silvia T. M. e FURTADO, Odair (Orgs.) Psicologia Social: o homem em movimento*. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CONNELL, Raewyn. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: Nversos, 2015.

ERICEIRA, Ronald Clay dos Santos. **O homem na pós-modernidade: reflexões sobre as identidades masculinas**. São Luís-MA. *Psicol. Am. Lat.* [online]. Vol. 13. 2008.

FELIPE, Cláudia. **Masculinidade(s) em foco**: *In: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=37043*. Acesso em 17/04/2017.

FOUCAULT, Michel. **De l'amitié comme mode de vie**. a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal *Gai Pied*, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de wanderson flor do nascimento.

FRANCHETO, B.; CAVALCANTI, M.; HEILBORN, M. **Apresentação da Coleção**. Perspectivas Antropológicas da Muher. Zahar, Rio de Janeiro, 1985.

KAHHALE, Edna Maria Severino Peters. Subsídios para a reflexão sobre sexualidade na adolescência. *In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MONTREOZOL, Jeferson Renato; KAHHALE, Edna Maria Severino Peters. Identidade Sexual: metamorfose-emancipação a partir do materialismo histórico-dialético. *In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA. Anpepp*. Maceió: ANPEPP, 2017. (no prelo).

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson**. Editora Rocco, 2001.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *In: Psicol. cienc. prof.* [online]. 2006, vol.26, n.1, pp. 118-131. ISSN 1414-9893.

SIQUEIRA, Maria. A Constituição da Identidade Masculina. *In: Psicologia USP*. Vol. 8. 1997.

TOASSA, Gisele. Conceito de Consciência em Vigotski. *In: Psicologia USP*. Vol. 17(2). 2006.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-016-2



9 788572 470162